

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO  
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL –  
JORNALISMO

CAÊ DALLA DEA VATIERO  
VICTÓRIA RIBEIRO CARVALHO

**TRANSFOBIA EM DADOS**  
**Violência de gênero nas eleições de 2022**

BAURU -SP  
2023

CAÊ DALLA DEA VATIERO  
VICTÓRIA RIBEIRO CARVALHO

**TRANSFOBIA EM DADOS**  
**Violência de gênero nas eleições de 2022**

Relatório final do Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação do Profº. Drº. Francisco Rolfsen Belda.

BAURU -SP  
2023

Vatiero, Caê Dalla Dea.

Transfobia em dados : violência de gênero nas eleições 2022 / Caê Dalla Dea Vatiero, Victória Ribeiro Carvalho, 2022  
26 f.

Orientador: Francisco Rolfsen Belda

Monografia (Graduação)-Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2022

1. Jornalismo de dados. 2. Transfobia no Twitter. 3. Eleições 2022. I. Victória Ribeiro Carvalho. II. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. III. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Dedicamos este trabalho, primeiramente, a todas as pessoas trans, travestis e não-binárias vítimas da transfobia no Brasil. A todos transmasculinos suicidados em decorrência da negligência do Estado. A toda população LGBTQIA+ que permanece viva em um país que não nos quer vivos. À Martha de Camargo Penteado Passos, por sua vida que se faz presente hoje e sempre.

Agradecemos aos nossos familiares que tanto nos apoiam e acolhem. A todes amigues, especialmente à Júlia Comin e Marta Croce, que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradecemos à querida Dra. Maria Cleidejane Esperidião por nos despertar para este tema e acreditar em nós enquanto jornalistas.

## RESUMO

O país que mais mata pessoas trans no mundo é o mesmo que bateu número recorde de candidaturas trans e travestis nas eleições de 2022. De 78 concorrentes ao pleito, cinco foram eleitas pelo povo. Representando um fato inédito na história do Brasil, as deputadas federais Duda Salabert (PDT-MG) e Erika Hilton (PSOL-SP) passam a integrar a Câmara de Deputados, sendo as primeiras representantes não cisgêneras a ocuparem a Casa. Além delas, foram eleitas para as assembleias legislativas de São Paulo, Sergipe e Rio de Janeiro, as deputadas estaduais Carolina Iara (PSOL), da Bancada Feminista, Linda Brasil (PSOL) e Dani Balbi (PCdoB). Mapear a violência cometida contra essas e outras candidaturas travestigêneras nas redes sociais durante e após o pleito eleitoral mostra-se importante para compreender parte da política que está em jogo e o que isso representa em tempos de ataques à democracia. O Transfobia em Dados (TD) surge com o objetivo de cobrir a temática trans no Brasil sob o olhar de dois atores fundamentais para o jornalismo e a elaboração de políticas públicas: as informações e os dados. Grande parte dos discursos de ódio e ataques discriminatórios acontecem no Twitter. A edição Violência de gênero nas eleições de 2022 buscou analisar de forma aprofundada os ataques transfóbicos realizados na plataforma. Os tweets coletados foram publicados entre os meses de agosto e novembro — durante o período eleitoral e um mês após o primeiro turno das eleições. O levantamento resultou em 665 ataques transfóbicos cometidos por 591 usuários.

**Palavras chave:** Jornalismo de dados; Twitter; Redes sociais; Transfobia; Eleições 2022

## ABSTRACT

The country that kills the most transgender people in the world is the same one that broke the record number of transgender and travesti candidates in the 2022 elections. Out of 78 candidates, five were elected by the people. Representing an unprecedented fact in the history of Brazil, Federal Deputies Duda Salabert (PDT-MG) and Erika Hilton (PSOL-SP) are now members of the Chamber of Deputies, being the first non-cisgender representatives to occupy the House. Besides them, state deputies Carolina Iara (PSOL), Linda Brasil (PSOL), and Dani Balbi (PCdoB) were elected to the legislative assemblies of São Paulo, Sergipe, and Rio de Janeiro. Mapping the violence committed against these and other transvestigender candidates on social networks during and after the election is important to understand part of the politics at stake and what it represents in times of attacks on democracy. Transphobia in Data (TD) arises with the goal of covering the trans issue in Brazil from the perspective of two fundamental actors for journalism and public policy: information and data. Much of the hate speech and discriminatory attacks happen on Twitter. The Gender Violence in Elections 2022 edition sought an in-depth analysis of transphobic attacks carried out on the platform. The collected tweets were published between the months of August and November - during the electoral period and one month after the first round of the elections. The survey resulted in 665 transphobic attacks committed by 591 users.

**Keywords:** Data journalism; Twitter; Social media; Transphobia; Election 2022

**O projeto Transfobia em Dados: Violência de gênero nas eleições de 2022 produzido como Trabalho de Conclusão de Curso pode ser acessado no seguinte link:**

**<https://www.transfobiaemdados.com/>**

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> - Ataques recebidos por candidatura.....	<b>19</b>
<b>Gráfico 2</b> - Tipos de ataques transfóbicos.....	<b>20</b>
<b>Gráfico 3</b> - Ataques com outro viés discriminatório.....	<b>20</b>
<b>Gráfico 4</b> - Palavras que mais retornaram ataques transfóbicos.....	<b>21</b>
<b>Gráfico 5</b> - Tipos de usuários que realizaram os ataques de gênero.....	<b>22</b>
<b>Gráfico 6</b> - Candidatos à presidência apoiados pelos agressores.....	<b>23</b>
<b>Gráfico 7</b> - Principais palavras mencionadas nas descrições de perfil dos agressores.....	<b>23</b>



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
2.1. Justificativa do gênero e formato escolhido.....	11
2.2 Revisão dos conceitos que nortearam a escolha do tema.....	12
2.3 Referencial teórico das técnicas jornalísticas empregadas e embasamento temático.....	12
<b>3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
3.1 Pré-produção.....	14
3.2 Produção.....	14
3.2.1 Tabulação de dados.....	15
3.2.2 Elaboração do site.....	16
3.3 Pós-produção.....	16
<b>4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO.....</b>	<b>17</b>
4.1 Design gráfico e editorial.....	17
4.2 Público alvo.....	18
4.3 Custo de execução.....	18
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
5.1 Resultados obtidos.....	18
5.2 Dificuldades.....	24
5.3 Contribuições.....	24
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>25</b>

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com o relatório de 2021 da Transgender Europe (TGEU), projeto que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIA+, o Brasil lidera o ranking de países que mais matam pessoas transgênero no mundo. Apesar disso, foi apenas em 13 de junho de 2019 que o Supremo Tribunal Federal (STF) deliberou que a lei de racismo (Lei nº 7716/89) deve contemplar os crimes de homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia.

Mesmo criminalizada, a transfobia segue afetando a população trans nas mais diversas esferas sociais – seja na política, no trabalho ou até mesmo no âmbito familiar. Segundo o dossiê “Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras”, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), o ano de 2021 contou com 140 assassinatos de pessoas trans, sendo 135 travestis e mulheres transexuais e 5 homens trans e pessoas transmasculinas.

Neste contexto, observa-se que as eleições de 2022 deixaram um marco importante para a sociedade brasileira. Pela primeira vez na história do Brasil, o poder legislativo será composto por **cinco** candidatas travestigêneres. As deputadas federais Duda Salabert (PDT-MG) e Erika Hilton (PSOL-SP) passam a integrar a Câmara de Deputados, sendo as primeiras pessoas não cisgêneras a ocuparem a Casa. As deputadas estaduais Linda Brasil (PSOL-SE), Dani Balbi (PCdoB-RJ) e Carolina Iara (PSOL-SP), da Bancada Feminista, compõem o plenário das Assembleias Legislativas Regionais.

A edição Violência de gênero nas eleições de 2022 do projeto jornalístico Transfobia em Dados (TD) tem como objetivo mapear a violência política cometida contra essas e outras candidaturas nas redes sociais durante e após o pleito eleitoral com a intenção de compreender parte da política que está em jogo e o que isso representa em tempos de polarização social. Para isso, delimitou-se que o objeto de estudo seria a plataforma do Twitter. O trabalho também buscou cobrir a temática trans no Brasil sob o olhar de dois atores fundamentais para o jornalismo e a elaboração de políticas públicas: as informações e os dados.

Baseado em ambos os atores, o projeto visa atuar como um meio de expansão da transparência pública no que diz respeito aos dados referentes às violências sofridas pela população trans no Brasil em diversas áreas, como saúde, educação e segurança pública.

Desta forma, o TD tem o propósito de colaborar com a elaboração de políticas públicas, estimular a produção de reportagens sobre a temática por meio da divulgação de bases de dados e servir de intermédio entre poder público e sociedade civil sobre a importância da criação de tipificações em órgãos públicos que possibilitem a extração de dados referentes e especificamente relacionados à população não cisgênera brasileira.

Ademais, o presente trabalho usufruiu de técnicas e ferramentas de automatização de dados para coletar os comentários transfóbicos publicados no Twitter, organizá-los em uma planilha e transformá-los em informações e gráficos acessíveis para os leitores. Ao total, foram identificados 665 ataques transfóbicos cometidos por 591 usuários. O projeto também contou com pesquisas bibliográficas em livros e artigos científicos como forma de contextualização teórica do tema e do formato escolhido.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Justificativa do gênero e formato escolhido**

A escolha do gênero digital e o formato de site de visualização de dados foi baseada em dificuldades e objetivos relacionados ao trabalho.

O Transfobia em Dados, cuja primeira edição se tratou do levantamento “Violência de gênero nas eleições de 2022”, visa ser um expensor de dados referentes à população trans e travesti brasileira, ao mesmo tempo que reconhece as dificuldades relacionadas ao acesso a dados públicos relacionados ao tema.

Desta forma, o trabalho tem como objetivo expandir a compreensão sobre a realidade desta população e, paralelamente, servir de intermédio entre sociedade civil e poder público de modo a colaborar com mudanças pertinentes que fortaleçam a transparência pública e possibilitem o acesso e a estruturação de dados sobre a temática, como a tipificação da identidade de gênero em órgãos públicos e a categorização da transfobia em instituições de segurança.

Alcançar os objetivos colocados e lidar com os obstáculos mencionados, conversa não apenas com a necessidade de alcançar um número significativo de pessoas, mas também levantar olhares atentos de setores específicos da sociedade,

como jornalistas, servidores e autoridades públicas. Além disso, exige acessibilidade em relação ao acesso e à compreensão das informações divulgadas.

Por estes motivos, apesar da existência de barreiras que impossibilitam a navegação virtual de parte das pessoas, o jornalismo digital e o formato 'site' foram escolhidos para a estruturação do projeto pelo fato de possibilitar uma melhor compreensão das informações divulgadas através de elementos gráficos e textuais e permitir um alcance mais abrangente em relação a outros tipos de formato.

## **2.2 Revisão dos conceitos que nortearam a escolha do tema**

A escolha do tema foi norteada pela baixa divulgação de dados relativos à comunidade trans no Brasil e pelo fato de ambos os integrantes do projeto se interessarem e possuírem conhecimentos voltados ao 'jornalismo de dados', monitoramento e Lei de Acesso à Informação (LAI), dispositivo jurídico que também deverá ser aplicado no Transfobia em Dados.

Além disso, desenvolver um projeto voltado para esta temática, também se deve ao fato de um dos integrantes do grupo, uma pessoa transmasculina não-binária, ter a transfobia como um dos atravessadores de sua vivência pessoal.

## **2.3 Referencial teórico das técnicas jornalísticas empregadas e embasamento temático**

A técnica jornalística empregada foi a de Jornalismo de Dados. O artigo "O surgimento da pesquisa em Jornalismo de Dados no Brasil" (BAZZO, et al., 2020) aponta que a demanda de mediar uma vasta quantidade de dados de interesse público e transformá-los em notícia, sob uma perspectiva da globalização e da internet, nortearam o jornalismo ao ponto de criar uma modalidade específica dentro da profissão: o jornalismo orientado por dados.

Marcelo Ruschel Träsel (2014), autor da tese de doutorado "Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil" (TRÄSEL, 2014) escreveu sobre as possibilidades que a internet introduziu para essa área do jornalismo:

A própria Web é compreendida como uma base de dados, nesta perspectiva, assim como os arquivos gerados por processadores de texto, ou o conjunto de pixels que formam uma imagem. O ponto relevante é a separação entre forma e conteúdo dos produtos noticiosos nos ambientes digitais, que permite a reutilização das informações e dados, mas não necessariamente sua utilidade como objeto de análise estatística ou visualização gráfica. (TRÄSEL, 2014, p. 97)

Nesse sentido, o projeto Transfobia em Dados usufrui das noções do jornalismo de dados associado ao meio digital para criar uma plataforma de visualização gráfica que seja fonte de informação para outros trabalhos. A escolha do Twitter como objeto de estudo foi intencional, tendo em vista que é uma das redes sociais mais acessadas atualmente e um dos espaços em que os usuários mais propagam discursos de ódio, incluindo a prática de transfobia, sob o argumento da liberdade de expressão.

O artigo “Os limites da liberdade de expressão na internet: discurso de ódio no Twitter” (RIOS, 2019) avalia que os usuários são responsáveis por todo tipo de publicação que postam e compartilham na internet. Ainda define os limites jurídicos que cercam essa discussão:

No entendimento jurídico, o exercício da liberdade de expressão pode ser configurado como discurso de ódio a partir do momento em que o discurso, a conduta, o gesto e a escrita podem incitar violência, ofensas e ameaças contra alguém ou um grupo de pessoa, ou seja, como declara o advogado Gustavo Silva (2014), o discurso de ódio ocorre quando um indivíduo se utiliza de seu direito à liberdade de expressão para inferiorizar e discriminar outrem baseado em suas características, como sexo, etnia, orientação sexual, religião, entre outras. (RIOS, et al., 2019, p. 5)

A Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) identificou cinco tipos de violência mapeadas contra as pessoas transgênero e travestis eleitas em 2020 no relatório “Candidaturas trans e travestis: obstáculos e violências na política brasileira” (GONÇALVES, et al. 2021). São elas: violência virtual, moral, psicológica, física e institucional — durante as campanhas e após a posse.

As violências virtuais sempre são ou um desrespeito ao gênero da representante eleita, ameaças à integridade física e psicológica ou assédios sexuais. Foram registrados diversos ataques em páginas de redes sociais de diferentes candidaturas, como relata uma das vereadoras: “[n]a internet eu não recebi ameaça direta à minha integridade física ou à minha vida, mas muito assédio sexual, principalmente depois da eleição, e alguns comentários raivosos de extrema direita” (ALESSI, 2021, citado por ANTRA, 2021, p. 41)

O projeto também contou com a técnica de análise de conteúdo (BARDIN, 1977) — norteadora para escolher as 31 palavras-chave que serviram como base da coleta de tweets e para minerar os dados contendo os ataques transfóbicos contra as candidaturas trans e travestis. Para isso, foi levado em consideração as proposições expostas na monografia de conclusão de curso de Bacharelado em Ciência da Computação do Centro de Engenharia Elétrica e Informática da Universidade Federal de Campina Grande, de Iaan Carvalho Barbosa (2021), intitulada “Reconhecimento de mensagens com teor transfóbico no Twitter” (BARBOSA, 2021).

### **3 METODOLOGIA DE EXECUÇÃO**

#### **3.1 Pré-Produção**

A primeira etapa do projeto foi levantar as candidaturas trans e travestis que concorreram ao pleito. Para isso, o projeto utilizou como base o relatório das eleições de 2022 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022), que identificou 78 elegíveis entre mulheres e homens trans, travestis e pessoas não binárias. A partir deste relatório, o Transfobia em Dados elaborou uma planilha<sup>1</sup> que identifica 53 candidatos/as/es com acesso ao Twitter — 30 mulheres trans, 20 travestis e 3 pessoas não binárias.

#### **3.2 Produção**

Para verificar os ataques de gênero, o projeto realizou o levantamento por meio da busca ativa de 31 palavras-chaves associadas aos nomes e usuários no Twitter das 53 candidaturas participantes da pesquisa. A princípio, foram selecionadas 34 palavras-chave, mas o projeto identificou agressões advindas de apenas 31 palavras, que são: aberração, bicha, bichinha, biologia, biologicamente, biológico, burro, deputado, deus, doente, ele, homem, idiota, macho, mulher,

---

<sup>1</sup> A planilha criada pelo projeto Transfobia em Dados, com informações complementares da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) coletada em 5 de setembro de 2022, pode ser consultada em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Nse7WK0ihZjMwEtDYiVLKZ\\_Ovq7xe\\_49iGzGTQCF3s/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1Nse7WK0ihZjMwEtDYiVLKZ_Ovq7xe_49iGzGTQCF3s/edit?usp=sharing)

nasceu, nojento, pau, pênis, pinto, ridículo, transfobia, traveção, traveco, travesti, útero, vagina, veste de mulher, você é, XY, “O” + “@”. Ao total, foram realizadas 3.286 pesquisas na plataforma.

Foram criadas pastas no drive por palavra-chave e uma aba para cada candidatura que recebeu os ataques. Ao fim, todos os dados foram organizados em uma mesma planilha final<sup>2</sup>. As palavras foram selecionadas por meio da análise das menções direcionadas às candidatas com maior número de seguidores na plataforma, Ariadna Arantes (PSB - SP), Duda Salabert (PDT - MG) Erika Hilton (PSOL - SP) e Léo Kret (PDT - BA), e através de expressões comumente utilizadas em ataques transfóbicos, como é o caso dos termos “traveco”, “bicha” ou dos pronomes “ele” ou “ela” em desrespeito à identidade de gênero.

O processo de busca foi realizado pelo TweetDeck, interface similar ao Twitter e compatível com o Instant Data Scraper, ferramenta automatizada para extração de dados utilizada para coletar os ataques transfóbicos. É válido ressaltar que o Twitter possui “[medidas corretivas](#)” que ocasionam a exclusão de tweets com caráter ofensivo. Dessa forma, durante a análise dos tweets retornados pelas buscas, o Transfobia em Dados encontrou tweets excluídos pela plataforma e substituídos por um aviso de violação das regras. Na impossibilidade de verificar se a ofensa se tratou de ataque de gênero, o TD optou por não considerar esses comentários.

### **3.2.1 Tabulação de dados**

Os comentários foram registrados em uma planilha, analisados e categorizados individualmente a partir de nove tipos de violações principais e secundárias: adjetivação acompanhada de transfobia; ataque transfóbico direcionado à orientação sexual; ataque associado à linguagem neutra; discurso biologizante; discurso genitalista; discurso religioso; patologização da transgeneridade; questionamento sobre identidade de gênero; e uso de linguagem em desacordo com o gênero.

---

<sup>2</sup> A planilha final contendo os resultados obtidos pelo Transfobia em Dados pode ser consultada em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/15rCLyY\\_6NwkkWBN4T\\_ekoWX3ClnViLtq9k6VvWQ7LKU/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/spreadsheets/d/15rCLyY_6NwkkWBN4T_ekoWX3ClnViLtq9k6VvWQ7LKU/edit?usp=sharing)

O trabalho também identificou se os ataques possuíam outro viés discriminatório, como bifobia, capacitismo, homofobia, intolerância religiosa, lesbofobia e racismo.

Além disso, foram verificadas as informações por trás das contas dos responsáveis pelos ataques: tweets, retweets, curtidas, frases utilizadas na biografia e foto de capa e/ou perfil. Os dados foram organizados em cinco variáveis, “tipo de agressor”, “conta suspensa”, “apoia algum(a) candidato(a) à presidência”, “candidato(a) à presidência apoiado(a)” e “descrição de perfil”, a fim de identificar os tipos de usuários que realizaram os comentários transfóbicos (agente comum, político ou perfil com grande alcance virtual, por exemplo) e o posicionamento político-partidário de cada um dos agressores.

Por fim, os gráficos foram criados por meio do Flourish – plataforma do Google de visualização de dados. Após alguns testes, foram identificados os tipos de gráficos que mais se adequam a cada informação. Variando em formato de pizza, barra, área, nuvem de palavras, pontos de partida, de hierarquia e outros.

### **3.2.2 Elaboração do site**

Para a elaboração do site, foi utilizada a plataforma Wix. Tendo em vista que a plataforma não possuía um template específico para visualização de dados, o website foi desenvolvido do zero a fim de atender às necessidades gráficas e de aplicação visual das informações coletadas. Para que o leitor possa explorar todos recursos visuais, é recomendável que o site seja visto pelo computador — mas, também é possível acessá-lo na versão mobile.

Como referência, foram utilizados os sites dos projetos MonitorA, da Revista AzMina, e o Violência de gênero contra jornalistas, da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Toda a identidade visual do Transfobia em Dados foi desenvolvida em parceria com a designer formada pela UNESP, Júlia Comin.

### **3.3 Pós-produção**

Após considerarmos os apontamentos da banca, pretendemos compartilhar nosso trabalho primeiramente com a assessoria das candidatas citadas pelo projeto. No início de dezembro, entramos em contato com a equipe de comunicação de



Duda Salabert (PDT) e Erika Hilton (PSOL), as deputadas mais atacadas, a fim de informá-las sobre nossa pesquisa e deixar um canal aberto para que reportagens possam ser desenvolvidas a partir dos resultados que obtivemos.

O projeto também será compartilhado com outros veículos jornalísticos com o objetivo de expandir o conhecimento e a necessidade de se tratar de um tema tão importante para o jornalismo e a democracia: a transfobia e os dados. Pretendemos, portanto, dar continuidade ao Transfobia em Dados explorando dados (ou a falta deles) em outras edições.

Além disso, enviaremos o projeto para o Ministério dos Direitos Humanos e a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) com o objetivo de articular possíveis políticas públicas que protejam a população trans, assim como as candidaturas eleitas, de todas as formas de violência e transfobia.

## **4 DESCRIÇÃO DO PRODUTO**

Por ser um projeto de jornalismo digital, o projeto desenvolveu um site que busca explorar o texto jornalístico aliado à visualização de dados e aos recursos gráficos que complementam a narrativa proposta. O nome Transfobia em Dados surge a partir do incômodo com a falta de dados sobre pessoas trans que, posteriormente, resultam no desconhecimento das demandas dessa população e na efetivação de políticas públicas.

### **4.1 Design gráfico e editorial**

Para o desenvolvimento da identidade visual do projeto, o Transfobia em Dados buscou uma parceria LGBTQIA+. Para isso, foram realizadas uma série de reuniões com a designer formada pela UNESP Júlia Comin com objetivo de chegarmos a um denominador comum. Além da criação de um logo que dialoga com a nossa proposta de um jornalismo moderno e independente, Comin desenvolveu uma paleta de cores que explora dois elementos principais: a bandeira do movimento trans e a bandeira do Brasil.

O banner que abre a edição “Violência de gênero nas eleições de 2022” remete a técnica manual de colagem como forma de explorar a subjetividade dos elementos gráficos e digitais. Ao centro, a bandeira do Brasil, linhas e pontos que

fazem alusão aos gráficos. Espalhados pelos cantos, estão os tweets em preto e branco fazendo jus a plataforma que serviu como objeto de pesquisa do trabalho. Além disso, um desenho simbolizando os três poderes e as urnas eletrônicas para trazer os aspectos das eleições e da política brasileira.

## **4.2 Público-alvo**

O projeto “Transfobia em Dados: Violência de gênero nas eleições de 2022” tem como público alvo a população LGBTQIA+ e qualquer pessoa que se interesse pelo tema. Além disso, o projeto busca alcançar toda a comunidade de jornalistas, comunicadores, servidores e autoridades públicas.

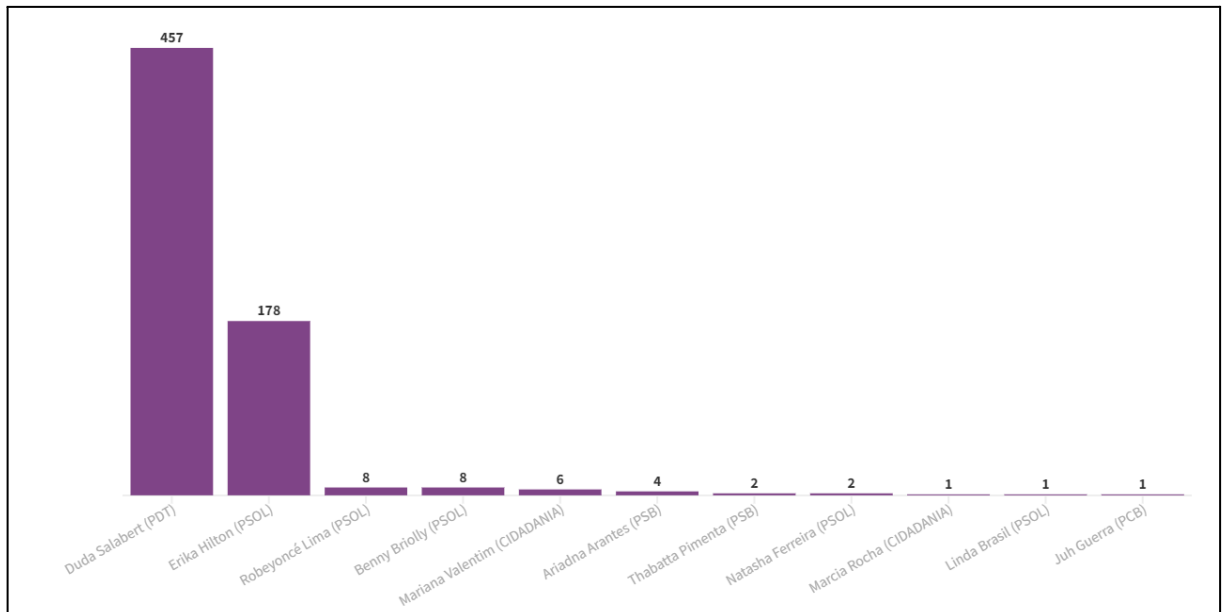
## **4.3 Custo de execução**

O único custo direto de produção do projeto diz respeito a compra do domínio do site “transfobiaemdados.com”. Para isso, o valor investido foi de R\$ 150,00.

# **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **5.1 Resultados obtidos**

Como resultado do levantamento realizado entre agosto e novembro, foram identificados um total de 665 comentários transfóbicos contra candidaturas trans nas eleições de 2022. As candidatas mais atacadas foram as deputadas federais Duda Salabert (PDT - MG), com 457 agressões (68,72%), e Erika Hilton (PSOL - SP), com 178 (26,76%).

**Gráfico 1 - Ataques recebidos por candidatura**

Fonte: Transfobia em Dados

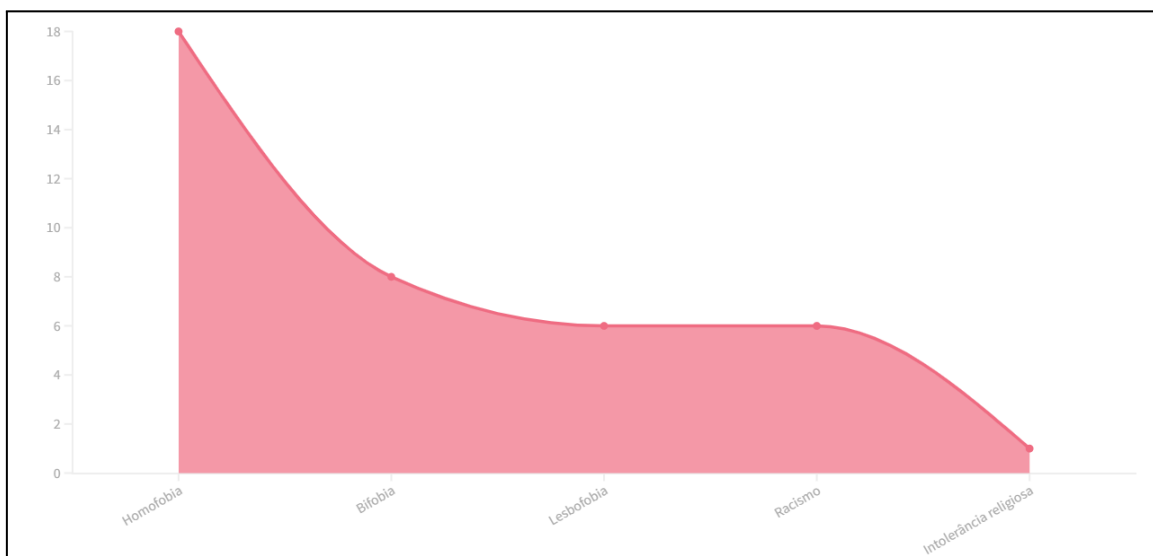
Os ataques, que em sua maioria (83,9%) ocorreram a partir de 3 de outubro, um dia após a definição dos parlamentares eleitos, foram enquadrados em nove tipos de categorias principais e secundárias, o que demonstrou que 35,06% das agressões foram baseadas em “questionamento da identidade de gênero” (tipo de ataque onde agressores invalidam a identidade de gênero: “você não é mulher”, “você é homem”) e 24,57% em “uso de linguagem em desacordo com o gênero”, que diz respeito à utilização de pronomes, artigos ou substantivos contrários ao gênero da candidatura.

Do restante, 17,69% das agressões foram realizadas através do uso de adjetivos acompanhados de transfobia, 10,59% pela utilização de aspectos biológicos ou relacionados à reprodução para invalidação da identidade de gênero, 6,25% com menção específica à órgãos genitais (pênis, vagina, pau etc), 1,80% por referência à orientação sexual, 1,69% por meio de patologização da transgeneridade, 1,27% por menção à Deus ou à religiosidade como forma de hostilização ao gênero e 1,05% pela utilização da linguagem neutra como forma de ironia ou ofensa.

**Gráfico 2 - Tipos de ataques transfóbicos**

Fonte: Transfobia em Dados

A análise também permitiu a percepção de que em meio aos comentários transfóbicos, outros 5 tipos de ataques discriminatórios foram realizados. Dentre eles, a homofobia foi o principal, tendo aparecido 18 vezes, o que representa 2,7% dos 665 tweets coletados. Em seguida, bifobia (1,2%), lesbofobia (0,9%), racismo (0,9%) e intolerância religiosa (0,15%).

**Gráfico 3 - Ataques com outro viés discriminatório**

Fonte: Transfobia em Dados

Dentre as palavras-chave que mais retornaram comentários transfóbicos, a palavra “homem” foi a principal. Foram 183 retornos, o que representa 27,52% dos ataques à identidade de gênero. Em seguida, as palavras “ele” (14,28%) e “mulher” (12,63%) foram as mais utilizadas pelos agressores, que são em sua maioria (85,56%) agentes comuns. Atrás dos agentes comuns, perfis satíricos, de personagens fictícios ou fã-clubes, correspondem a 5,86% das transfobias identificadas, enquanto perfis destinados à discussão sobre política, contas suspensas por violação das diretrizes do Twitter e perfis de grande alcance virtual representam 5,41%, 2,41% e 0,30% dos ataques, respectivamente.

**Gráfico 4** - Palavras que mais retornaram ataques transfóbicos



Fonte: Transfobia em Dados

Durante a análise dos usuários responsáveis pelas agressões, também foram identificados 3 agentes políticos dentro do escopo de palavras-chave selecionadas: Bruno Engler (PL), deputado estadual de Minas Gerais, Douglas Gomes (PL), deputado estadual suplente do Rio de Janeiro e Nikolas Ferreira (PL), deputado federal de Minas Gerais, ambos apoiadores declarados do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (PL).

**Gráfico 5** - Tipos de usuários que realizaram os ataques de gênero

	Ataques	%
Agente comum	569	85,56%
Outros*	39	5,86%
Perfil de uso político**	36	5,41%
Conta suspensa	16	2,41%
Agente político: Bruno Engler (PL), Douglas Gomes (PL) e Nikolas Ferreira (PL)	3	0,45%
Perfil com grande alcance virtual	2	0,30%

\*Perfis de entretenimento e contas que não são de agente comum ou específicas de uso político  
\*\*Perfis destinados exclusivamente para apoio a políticos e/ou movimentos políticos

Fonte: Transfobia em Dados

Responsável por diversos ataques de gênero a deputada federal Duda Salabert, Nikolas Ferreira está envolvido nos assuntos que mais geraram comentários transfóbicos. De acordo com a análise individual dos tweets, um tweet publicado no dia 5 de novembro por Duda Salabert sobre processo aplicado contra o deputado federal por racismo e transfobia, foi o assunto que mais gerou respostas transfóbicas: foram 162 (24,36%) ataques de gênero realizados por apoiadores de Nikolas e direcionados à deputada federal.

Além deste, dentre os outros nove assuntos que mais renderam agressões, 7 estão relacionados à Duda Salabert e dois à deputada Erika Hilton. Os tweets abrangem anúncio de Salabert sobre sua vitória como deputada federal, comentário da até então candidata sobre live onde o ex-presidente Jair Bolsonaro diz que 'pintou um clima' com jovens venezuelanas, demonstração de apoio a candidatura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), comentário de Erika Hilton sobre suposta sonegação de impostos de Neymar e, em 6º lugar, publicação de Nikolas Ferreira, no dia 17 de agosto, contendo transfobia e crítica ao fato de Salabert ter utilizado escolta armada durante sua campanha.

A tendência bolsonarista, perceptível através dos agentes políticos que realizaram os ataques transfóbicos, não se limita, no entanto, a estas autoridades públicas. Dos 591 perfis responsáveis pelos 665 comentários transfóbicos, 466 declararam apoio político a algum candidato à presidência. Destes, 95% demonstraram apoio ao militar Jair Bolsonaro, 3% ao presidente Lula, 0,9% ao ex-ministro Ciro Gomes e 0,3% declararam voto nulo.



## 5.2 Dificuldades

A princípio, o enfoque do projeto seria criar um observatório da violência contra pessoas trans no Brasil. Mas, a falta de dados sobre o tema tornou inviável o desenvolvimento do trabalho. A equipe chegou a acionar as Secretarias de Segurança Pública de alguns Estados para compreender a forma como eram tipificados os registros de transfobia nas delegacias – afinal, é crime. Mas, infelizmente, não há um protocolo comum a ser seguido. Muitos casos são enquadrados como homofobia e aqueles que são considerados transfobia limitam-se às pessoas que utilizam nome social, gerando subnotificação.

Foi cogitado utilizar a Lei de Acesso à Informação (LAI) para adentrar esses dados, mas pelo tempo e densidade do trabalho foi necessário mudar o enfoque do projeto. Para seguir com o tema, decidiu-se focar na violência política contra as candidaturas trans no Twitter durante as eleições de 2022.

A partir disso, observa-se que a principal dificuldade encontrada para produzir essa análise foi lidar com o quesito psicológico. Para chegar ao resultado final de 665 ataques foi necessário limpar e analisar caso a caso, além de identificar quais tweets não poderiam entrar no mapeamento. Para isso, a dupla revisitou os dados inúmeras vezes a fim de delimitar a metodologia com mais precisão.

Além disso, foi necessário administrar o tempo, tendo em vista que a dupla possuía mais de um trabalho profissional, aumentando a jornada como um todo.

## 5.3 Contribuições

A contribuição do projeto Transfobia em Dados é servir como fonte para produções jornalísticas e expandir o conhecimento sobre a realidade da população trans e travesti no Brasil. O projeto também visa ser referência para elaboração de políticas públicas, como a criação de dispositivos jurídicos voltados ao controle dos assédios ocorridos em redes sociais. Além disso, busca tornar evidente a importância da divulgação de dados sobre o tema, de modo a direcionar o olhar do poder público sobre a necessidade de pensar caminhos para que órgãos públicos sejam passíveis da estruturação e divulgação de dados referentes à população trans no Brasil, seja por transparência passiva ou ativa.



A partir da edição "Violência de gênero nas eleições de 2022", o projeto busca colaborar com a compreensão de parte da política brasileira, revelando os enfrentamentos das candidaturas trans e travestis em tempo de ataques à democracia. Além disso, ao divulgar os dados relativos às eleições de 2022, o projeto poderá servir como base para monitoramento das transfobias enfrentadas pelas candidaturas não cisgêneras em períodos eleitorais.

No sentido pessoal, pode-se dizer que o TD colaborou para que ambos os integrantes exercitassem conhecimentos sobre raspagem, estruturação e visualização de dados. O fato do projeto ter sido desenvolvido do 'zero', também colaborou para o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre o jornalismo digital e o formato 'site'.

Ademais, durante o processo de pesquisa sobre os possíveis caminhos para obtenção de dados relativos à comunidade trans, o trabalho favoreceu uma compreensão mais aprofundada sobre a realidade dos dados relativos a esta população no Brasil. E, por último: a pesquisa colabora com o vislumbre de um futuro profissional, na medida que reflete os anseios dos responsáveis pelo desenvolvimento do projeto.

## 6 Referências Bibliográficas

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Candidatura trans em 2022**. 2022. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2022/09/canditaturas-trans-em-2022-05set2022-2.pdf>. Acesso em: 19 out. 2022.

BARBOSA, I. C. **Reconhecimento da mensagem com teor transfóbico no Twitter**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciência da Computação) – Faculdade de Ciência da Computação, Universidade Federal de Campina Grande Centro de Engenharia Elétrica e Informática, Campina Grande, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/bitstream/riufcg/19708/1/IAAN%20CARVALHO%20BARBOSA%20-%20TCC%20CI%3%8aNANCIA%20DA%20COMPUTA%3%87%3%83O%202021.pdf>

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/291/156>

BAZZO, Jessica; MARTINS, Dalton Lopes; BARBOSA, Filipe Augusto Couto. **O surgimento da pesquisa em Jornalismo de Dados no Brasil**. Intexto, Porto

Alegre, UFRGS, n.50, p. 280-302, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/89536/57263>

CARVALHO, Tayane; RIOS, Riverson. **Os limites da liberdade de expressão na internet: discurso de ódio no Twitter**. Intercom, São Luís, 2019. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2019/resumos/R67-0083-1.pdf>

GONÇALVES, Alice; VELUDO, Carolina; PASSONI, Chiara; BATISTA, Clara; CASTELO, Luiza. **Candidaturas trans e travestis: obstáculos e violências na política brasileira**. 2021. Disponível: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/30757/Nota%20t%c3%a9cnica.pdf?sequence=5&isAllowed=y>

MARTINHO, Ana Pinto. **Jornalismo de dados: caracterização e fluxos de trabalho**. Exedra Journal: Comunicação e Ciências Empresariais, Lisboa, n. 9, p. 64-73, 2014. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/17493/1/n9-B3.pdf>

TRÄSEL, M. R. **Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil**. Orientador: Francisco Ricardo Rüdiger. 2014. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4590/1/461784.pdf>